

## EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM PLANTAS MEDICINAIS E SAGRADAS: UMA EXPERIÊNCIA DE RURALIDADE METROPOLITANA

ENVIRONMENTAL EDUCATION IN MEDICINAL AND SACRED PLANTS: An EXPERIENCE OF METROPOLITAN RURALITY

227

Adalgisa Dorotéa Sales

[adalgisa.sales@ucsal.edu.br](mailto:adalgisa.sales@ucsal.edu.br)

Universidade Católica do Salvador

Salvador – Bahia - Brasil

Submetido em 09 de dezembro de 2020

Aceito em 09 de março de 2021

### Resumo

Este artigo sistematiza um processo de reflexão filosófica e científica de educação ambiental num contexto de expansão urbana em área de bioma Mata Atlântica, que se sobrepuja a culturas e modos de vida que estabelecem relações diretas com a natureza, aqui compreendida como ruralidades. Para tanto, parte-se de uma experiência de educação ambiental em escola no bairro Cajazeiras em Salvador - BA e norteia-se conceitualmente as reflexões pela perspectiva da ética ambiental para dialogar com pessoas e organizações não-governamentais ligados ao universo religioso e de políticas de conservação do ecossistema local. Algumas plantas reconhecidas como sagradas estão sendo dizimadas, seja pela ação desordenada da retirada de folhas e raízes, pelo desmatamento de áreas de Mata Atlântica para novos empreendimentos imobiliários, ou ainda redução de áreas verdes para abertura de estradas, a fim de contribuir com a mobilidade urbana. Discute-se a necessidade de uso e cultivo das plantas que ainda sobrevivem no local, para que a conservação ambiental seja efetiva na área urbana estudada.

**Palavras-chave:** Ética ambiental; Conservação; Mata Atlântica; Religiosidade

### Abstract

This article systematizes a process of philosophical and scientific reflection of environmental

education in a context of urban expansion in an area of atlantic forest biome, which is overcome with cultures and ways of life that establish direct relations with nature, here understood as ruralities. To this end, we start from an experience of environmental education at school in the Cajazeiras neighborhood of Salvador-BA and conceptually guide reflections from the perspective of environmental ethics to dialogue with people and non-governmental organizations linked to the religious universe and policies for the conservation of the local ecosystem. Some plants recognized as sacred are being decimated, either by the disorderly action of the removal of leaves and roots, by deforestation of areas of Atlantic Forest for new real estate developments, or even reduction of green areas for opening roads, in order to contribute to urban mobility. It discusses the need for use and cultivation of plants that still survive on the site, so that environmental conservation is effective in the urban area studied.

**Keywords:** Environmental ethics. Conservation. Atlantic Forest. Religiosity

## Introdução

A pesquisadora exerceu a função de educadora nas disciplinas de Filosofia e Sociologia com alunos do Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos - EJA, Educação Profissional – PROEJA, no período entre 2002 e 2015 no Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia situado na região de Cajazeiras IV, em Salvador – Bahia, inserido no Bioma da mata Atlântica, que teve sua fundação em 31 de janeiro de 1979 pelo Governador Roberto Santos. A escola ocupava uma área bem extensa, propensa ao cultivo de várias plantas, tendo espaço para jardinagem e também para implantação de uma horta.

O bairro de Cajazeiras começou a surgir em 1977 numa área de três antigas fazendas, quando o então governador Roberto Santos desapropriou as terras pertencentes às fazendas que, desde o século XIX, cultivavam laranja, café, mandioca e cana-de-açúcar. Havia muita área verde oriunda da Mata Atlântica que ainda circunda a região, situada entre a Estrada Velha do Aeroporto e a BR-324. Cajazeiras é um bairro marcado pela existência de vários conjuntos habitacionais, sendo um dos maiores dessa natureza na América Latina. Bairro de grande atividade comercial de Salvador, possui uma vida própria de rica cultura e de carências. Sua pedra fundamental foi colocada pelo então governador Antônio Carlos Magalhães, porém as obras só foram iniciadas no governo João Durval. Em Cajazeiras vivem cerca de 600 mil pessoas, caracterizando-se como um dos maiores aglomerados urbanos do Brasil. Os setores que compõem o bairro são: Cajazeiras 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10 e 11, Fazenda Grande 1, 2, 3 e 4, Águas Claras, Boca da Mata e Palestina (<http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br>).

A escola de grande porte, mantinha uma área da Mata Atlântica e também uma estrutura de canteiros centrais e grande espaço lateral com terreno propício para replantio. Dentro desta visão encontra-se a história de uma metrópole que ainda se compoem socioespacialmente de ruralidade, corrobora a afirmação:

Quando estou falando de mundo rural, refiro-me a um universo socialmente integrado ao conjunto da sociedade brasileira e ao contexto atual das relações internacionais. Não estou, portanto, supondo a existência de um qualquer universo isolado, autônomo em relação ao conjunto da sociedade e que tenha lógicas exclusivas de funcionamento e reprodução. Porém, considero que este mundo rural mantém particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas, que o recortam como uma realidade própria, da qual fazem parte, inclusive, as próprias formas de inserção na sociedade que o engloba (WANDERLEY, 2001, p 32).”

Este artigo objetiva sistematizar resultados de uma pesquisa ação que teve como objetivos sensibilizar os indivíduos sobre a necessidade de conservação e replantio das plantas medicinais e/ou sagradas, a fim de evitar que sejam erradicadas na região de Cajazeiras; Experienciar o uso e cultivo das plantas medicinais conforme a importância sociocultural e ambiental. A metodologia numa abordagem qualitativa, é uma narrativa da prática pedagógica da autora em uma escola inserida em ambiente urbano, mas com algumas características rurais, e uma análise de entrevistas com instituições e líderes religiosos de matriz africana comprometidos com a melhoria do meio ambiente.

A pesquisa-ação tem a finalidade de implementar mudanças em uma comunidade. O pesquisador é o agente, mas a comunidade também participa da pesquisa ativamente, para melhorar o próprio desempenho ou a qualidade de vida de seus membros. Para isso, o processo envolve a colaboração do pesquisador com os participantes da pesquisa e exige testes consecutivos das novas ideias que surjam durante a interação. Portanto, a pesquisa ação é uma forma de fazer compreender como a mudança de atitudes e de práticas pode beneficiar a própria comunidade (VIEIRA, 2009, p. 13).

A pesquisadora observou que em momentos de chuva a terra, dentro do colégio, era assoreada por falta da vegetação e de plantas no local e de acordo com seus conhecimentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 2000, p. 21), que “engloba também a Filosofia, deve-

se desenvolver a tradução do conhecimento das Ciências Humanas em consciências críticas e criativas, capazes de gerar respostas adequadas a problemas atuais e a situações novas”, portanto, pensando em melhoria do meio ambiente escolar, incentivou uma proposta de paisagismo.

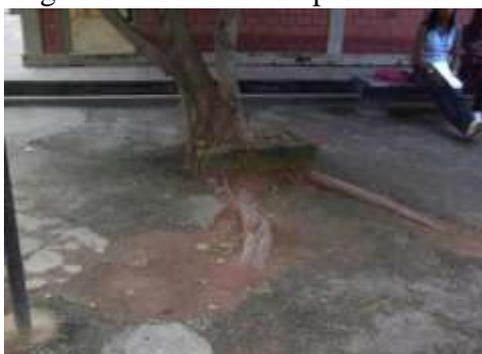
Levou o assunto para a gestão escolar e também para alguns colegas docentes, que em um trabalho interdisciplinar, criaram um projeto “Meio Ambiente Saudável” no dia 06 de janeiro de 2011, documentado com assinatura dos participantes. No período do ano letivo foi apresentado o referido projeto em reunião pedagógica pela gestão escolar, e também discutido o Programa de Educação Ambiental do Estado Da Bahia – PEA-BA, estimulando os docentes a trabalhar como tema transversal sobre o meio ambiente.

## 2 Desenvolvimento e apresentação de resultados

A educação ambiental, por ser um trabalho interdisciplinar, envolve várias áreas do conhecimento e ao ser levada a ideia para as reuniões pedagógicas, alguns professores abraçaram a proposta. Reuniram-se com a direção da escola e deu-se continuidade e melhoria do projeto que passou a ser denominado “Meio Ambiente Sustentável: O papel da Escola na Construção da Cidadania Ambiental”, elaborado pelos professores Adalgisa (Filosofia e Sociologia), Lerande e Itamar (Matemática), Rivani (Biologia) Rogério e Vinicius (Geografia) fazendo parte do projeto pedagógico da escola e envolvendo outras áreas de conhecimento.

Entre os anos 2011 e 2014 houve um empenho em modificar a estrutura do meio ambiente na escola. Inicialmente, com a parte de jardinagem e retiradas de plantas que ameaçavam a estrutura do alicerce de algumas salas (Figura 1). Havia antigos e extensos canteiros, sem cobertura vegetal (Figura 2), e quando chovia a terra era lixiviada, produzindo muita sujeira na parte mais baixa da escola.

Figura 1- Alicerce comprometido



Fonte: A autora (2011)

Figura 2- Antigos canteiros



Fonte: A autora (2011)

Através de parcerias com várias instituições, dentre as quais a Secretaria de Educação e o Horto da extinta SUCAB, que disponibilizaram alguns biólogos para fazerem o levantamento de espécies da região, contribuindo com várias mudas de plantas. Na época, a agora extinta EBDA auxiliou com sementes, utensílios e ferramentas para a escola, que ajudaram no plantio e, também, com orientações de engenheiros agrônomos. “O enfoque interdisciplinar preconiza a ação conjunta das diversas disciplinas em torno de temas específicos (DIAS, 2000, p. 43) ”.

Foram envolvidos professores de várias áreas de atuação como Geografia que esteve presente referenciado a localidade para os alunos, verificando solo, clima; Biologia que sempre estava incentivando com relação às propriedades das plantas medicinais; Português que fez a revisão dos textos dos alunos, Matemática que muito contribuiu na medida dos canteiros e incentivo de utilizar figuras geométricas e teve a oportunidade dos alunos construírem uma pirâmide onde se fez uma horta suspensa (Figuras 3 e 4) e, nas aulas de Filosofia e Sociologia, a pesquisadora destacava que em uma atividade com o meio ambiente deveriam estar imbuídos com o mesmo propósito: o compromisso com a vida, com uma visão social, política e afetiva.

A metodologia aplicada neste artigo foi a pesquisa qualitativa, com narrativas da prática

pedagógica da autora no Colégio Edvaldo Brandão e com entrevistas semi estruturada de questões abertas, com líderes da religião de matriz africana e associações que trabalham em prol do meio ambiente no Bairro de Cajazeiras Salvador-Bahia, onde buscou “levantar as opiniões, as crenças, os significados das coisas nas palavras dos participantes da pesquisa (VIEIRA, 2009, p. 6),” sobre a dificuldade de encontrar espécies de plantas medicinais e/ou sagradas que estão sendo dizimadas na região, pois comunga sobre as “finalidades da EA” conforme a afirmação:

A Educação Ambiental deve chegar a todas as pessoas, onde elas estiverem, dentro e fora das escolas, nas associações comunitárias, religiosas, culturais, esportivas, profissionais, entre outras. Ela deve ir aonde estão as pessoas reunidas. Os conhecimentos devem tratar das suas realidades sociais, econômicas, políticas, culturais e ecológicas. A EA deverá informar sobre legislação ambiental, sobre os mecanismos de participação comunitária, a fim de que, organizados, possam fazer valer os seus direitos constitucionais de cidadã (ão), de ter um ambiente ecologicamente equilibrado e consequentemente, uma boa qualidade de vida (DIAS, 2000, p. 40).

Esta concepção traz a responsabilidade para que se formem cidadãos conscientes e de atitudes perante a natureza.

Trilhando os caminhos da Filosofia, a pesquisadora utilizou textos que ocasionalmente levava para a sala de aula e compartilhava com alunos do nível médio onde atuava como docente. Um dos textos que mais despertou a atenção da pesquisadora reflete filosoficamente sobre “ética ambiental”, escrito por um juiz de direito, com o título “Homem-natureza: a nova relação ética” (SANTOS, 2011).

Figuras 3 e 4 – Horta suspensa em forma de pirâmide (2014)



Fonte: A autora (2014)



Fonte: A autora (2014)

A pesquisadora, além da formação na área de Humanas, tem Especialização em Acupuntura e atua com Terapias Complementares e Práticas Integrativas. Com uma visão holística de que o cultivo de plantas modifica o ambiente de convivência, ajuda na qualidade de vida e do meio ambiente, abraça o pensamento de Santos (2011, p. 3) “mas para que isto ocorra é necessário que tenhamos uma plena conscientização da problemática ambiental, caracterizando esta como ter pleno conhecimento de algo e o seu processo dá-se internamente, refletindo-se nas ações.”

Em uma das turmas de alunos com quem se desenvolvia as atividades, houve alguns questionamentos sobre a plantação da horta com plantas medicinais.

A metodologia usada para esta atividade com as turmas, iniciava com os saberes oriundos das experiências de vida dos alunos. E cada um naturalmente falava as plantas em seu nome popular. Existiram alguns constrangimentos pois alguns alunos eram de religiões de matriz africana, alguns de religião católica e alguns de religiões pentecostais. E teve um determinado aluno que questionava que algumas plantas eram relacionadas à “macumba”, só

que usava o termo de forma agressiva. Inclusive só assistia as aulas com a bíblia sobre a carteira, o que indicava a força da religião na sua relação com o mundo. Então, de forma filosófica fizemos um estudo sobre o assunto, mostrando que o conhecimento adequado desmistificava determinadas palavras. Foi bem interessante a discussão, pois um dos alunos nos informou que macumba<sup>1</sup> é um instrumento musical. Com as pesquisas das plantas, o envolvimento, a convivência e a apresentação dos alunos, o diálogo aberto e franco motivou a união da turma e foram desfeitos os preconceitos, validando os diferentes caminhos religiosos.

A receptividade dos alunos foi muito positiva a partir da compreensão do conceito de ética ambiental:

[...] a conduta, ou a própria conduta, comportamental do ser humano em relação à natureza, decorrente da conscientização ambiental e conseqüente compromisso personalíssimo preservacionista, tendo como objetivo a conservação da vida global. [...] Com essa nova ética, diferente da ética tradicional, pautamos toda a sua vida e assim estaremos agindo sempre com um maior compromisso ético. Compromisso criado por nós; dentro de nós. Sem nenhuma lei que não seja a nossa consciência. Esse compromisso ético é personalíssimo, de modo que não está adstrito a nenhum outro compromisso. É um compromisso de todos os conscientes. É um compromisso da sociedade consciente. É ético não legal. Não se trata de obrigação legal, mas moral e ética de cada um. (SANTOS, 2011, p.4).

Com a leitura e discussão com os alunos, viu-se nas opiniões que a ação do cultivo das plantas no ambiente escolar, traria a possibilidade de colher hortaliças para a merenda e ainda que os envolvidos no processo levassem produtos para suas casas, podendo-se transformar em uma horta comunitária.

Em 2015 a pesquisadora iniciou uma especialização em Metodologia de Educação Profissional na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, que foi oferecida aos professores pela SEC – Secretaria de Educação do Estado da Bahia, e o seu Trabalho de Conclusão do Curso – TCC veio a ser um projeto de intervenção na escola, cujo tema foi “Cultivo de plantas

---

<sup>1</sup> Instrumento musical composto por um bastão de madeira, com dentes em toda a sua extensão, possui também um pedaço de arame preso às extremidades. BRASILEIRO, Jeremias. Cultura Afro-brasileira na Escola: o Congado na sala de aula. Disponível em: [http://culturaviva.gov.br/files/event/708/cultura\\_afrobrasileira\\_na\\_escola\\_\\_o\\_congado\\_na\\_sala\\_de\\_aula.pdf](http://culturaviva.gov.br/files/event/708/cultura_afrobrasileira_na_escola__o_congado_na_sala_de_aula.pdf).

medicinais na comunidade escolar?”. Com outras turmas do EJA, do turno noturno, fez-se a leitura do texto sobre ética ambiental e construiu-se um planejamento para implantação da horta medicinal na área da escola: elencou-se algumas espécies de plantas relevantes para a flora da região, e os alunos escolheram e pesquisaram sobre uma planta do conhecimento da turma, para apresentação oral; cada aluno ficou responsável em trazer uma muda da planta pesquisada.

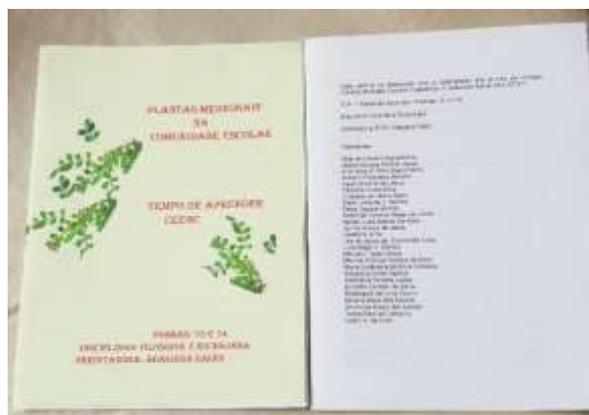
Foi muito intensa a atividade; mobilizou-se várias pessoas para capinar, cercar uma parte e fazer o plantio. Os alunos contribuíram muito com a implantação da horta. Através da conscientização e do enfrentamento das dificuldades, utilizaram alguns fins de semana para a conclusão da atividade em meados de julho de 2015, conforme observa-se na Figuras 5. Como finalização, foi entregue para a direção da escola uma cartilha (Figura 6) com as pesquisas dos alunos; a apresentação foi em atividade de Noite Cultural, onde alguns professores de outras disciplinas foram assistir.

Figura 5- Preparação do terreno



Fonte: A autora (2015)

Figura 6 – Cartilha elaborada pelos alunos



Fonte: A autora (2015)

Essa experiência motivou a docente/pesquisadora a dar continuidade à pesquisa e ingressou no Mestrado Profissional em Planejamento Ambiental na Universidade Católica do Salvador – UCSAL. O projeto foi repetido em outra unidade escolar, setor de Cajazeiras VII, no Colégio Estadual Luiz Fernando Macedo Costa com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental no ano de 2018.

Nos dois projetos, feitos com alunos de faixas etárias diferentes, alguns estudantes relataram não encontrar com facilidade mudas de algumas espécies no entorno de onde residiam, mas o ponto que mais chamou atenção da pesquisadora está ligado ao relato de alunos pertencentes a religiões de matriz africana (do Colégio Edvaldo Brandão), que não apenas afirmaram dificuldade de encontrar as plantas, como também apontaram um dos motivos: devido ao desmatamento, muitas espécies não eram mais encontradas com facilidade em Cajazeiras.

A pesquisadora decidiu, portanto, sair dos muros da escola quando em meados de dezembro/2018, através da diretoria do Colégio Edvaldo Brandão, identificou-se com as instituições: Associação Pássaro das Águas e o Terreiro Arco de Ouro, que trabalham em busca da melhoria do meio ambiente na região de Cajazeiras.

## **2.1 Um mergulho na religiosidade das plantas sagradas e um resgate de conhecimentos e culturas tradicionais**

Em a natureza, a interação ecossistêmica explica porque cadeias alimentares entre diferente espécies integram os sistemas alimentares de animais e vegetais e, portanto, também para a humanidade, essa interação ecossistêmica se dá de forma especial pela produção e transmissão de conhecimentos que ultrapassam o fisiológico e avançam para reflexões que consolidam culturas.

Dando um grande salto no tempo e no espaço em direção ao foco deste artigo, vale lembrar que na formação do Brasil os conhecimentos sobre a importância das plantas foram passados de forma oral por antepassados a partir dos conhecimentos dos povos originários, denominados indígenas pelos colonizadores portugueses, assim como da cultura introduzida por povos africanos e outros europeus.

Relatos históricos apontam que os portugueses trouxeram “plantas europeias e asiáticas fazendo somar aos nossos indígenas, aquelas usadas por eles em suas práticas de cura e em seus rituais religiosos” (CAMARGO, 2014, p. 31).

A cultura africana também trouxe para a medicina popular no Brasil uma forte influência, ao “transplantarem um sistema de classificação botânica da África e introjetaram as

plantas nativas do Brasil na sua cultura, através do seu efeito médico simbólico, ao incorporarem-se ao novo habitat e às novas condições sociais” (ALMEIDA, 2016, p.36). Os povos nativos do Brasil conheciam as plantas da região e

[...] apesar das proibições e dos severos controles exercidos pelos colonizadores, os indígenas continuaram a exercer suas práticas religiosas voltadas a curas, empregando as plantas nativas, suas conhecidas. Sem perderem totalmente a originalidade quanto aos seus poderes mágicos calcados na mitologia indígena, as plantas nativas passaram a ocupar espaços nos sistemas de crenças afro-brasileiros que, aos poucos, foram se organizando no país (CAMARGO, 2014, p. 27).

Ao longo da história do Brasil cada um desses povos buscava um espaço para garantia de um “modo de vida” em que não perdessem as suas origens. Modo de vida é aqui compreendido enquanto:

[...] a forma como os moradores percebem, vivem e concebem o espaço, mediados pelo conjunto de suas práticas cotidianas e por sua história, posição que ocupam na sociedade envolvente e forma específica que assegura a sua reprodução social, constituindo-se no modo pelo qual o grupo social manifesta sua vida (SUZUKI, 2017, p. 9). Modo de vida, portanto, é uma categoria diretamente relacionada à vida cotidiana no espaço, entendendo-se dessa maneira porque “tanto para os indígenas como para os negros vinculados às antigas cosmogonias africanas, a questão do espaço é primordial na sociedade brasileira” (SODRÉ, 2002, p. 19).

No caso dos negros que vieram escravizados, formaram-se terreiros que eram locais de força para um grupo social que estava longe de seu habitat natural. Nestes locais de encontros eram considerados:

[...] o patrimônio simbólico do negro brasileiro (a memória cultural da África) que se afirmou aqui como território político-mítico-religioso, para sua transmissão e preservação. Perdida a antiga dimensão do poder guerreiro, ficou para os membros de uma civilização desprovida de território físico a possibilidade de se “reterritorializar” na diáspora através de um patrimônio simbólico consubstanciado no saber vinculado ao culto de muitos deuses, à institucionalização das festas, das dramatizações dançadas e das formas musicais (SODRÉ, 2002, p.53).

As plantas eram fundamentais em seus rituais sagrados, mesmo enfrentando dificuldades em manter viva as suas tradições. “O conhecimento e o uso de plantas por parte dos negros em suas terras de origem, certamente são fatores de serem usadas muitas delas ainda nos dias atuais, em rituais de Umbanda e Candomblé” (CAMARGO, 2014, p. 189).

As pessoas que nascem em cidades do interior têm uma maior convivência com a natureza, principalmente quem mora em zona rural ou em suas proximidades. Muitos conhecem as plantas e as distinguem por suas qualidades terapêuticas, utilizadas pelos antepassados, que eram aprendidas de forma oral de geração para geração. As plantas eram utilizadas como tratamento para a saúde, visto que em muitas localidades havia dificuldades para tratamento médico.

Havia também as “rezadeiras”, pessoas com conhecimento das plantas que serviam para “rezar contra olhado”, ou tratar “espinhela caída”. Essas orações eram feitas à medida que passavam “o ramo” da folha sobre a pessoa. Normalmente o ramo ficava completamente murcho, devido à retirada do aspecto negativo da pessoa.

Citamos ainda as plantas medicinais empregadas em chás, unguentos, xaropes, garrafadas e plantas usadas cremadas em cigarros, charutos, cachimbos e incensórios, aos quais são atribuídas propriedades que transcendem as classificações taxonômicas, fórmulas químicas e análises farmacológicas. [...] É do contato com o universo mágico que as plantas investidas de poderes curativos têm seus papéis bem definidos nos rituais de cura de doenças físicas, mentais e espirituais onde atuam os protagonistas na arte de curar: Raizeiros; Curandeiros; Benzedeiras; Rezadores; Pais e Mães de Santo entre outros[...] (CAMARGO, 2014, p. 2140).

Algumas pessoas do campo, que viviam o mundo rural, nas chamadas roças, sabiam utilizar plantas para cicatrizar uma ferida, estancar o sangue quando acidentalmente era cortado com o facão, pois estava cortando a mata que se chama roçado, então buscava alguma erva que pudesse estancar o sangue; era comum até mesmo ser a seiva da Bananeira, o medicamento.

Examinando a partir dos autores citados, a vivência de populações rurais no município metropolitano (Salvador), apreende-se a relação homem/natureza como sob tensão entre desaparecimento e reprodução da natureza já com significado cultural que carrega consigo o

fato de que “os habitantes ordenaram suas relações com a terra, a água e os outros homens. A história dá-se num território, que é o espaço exclusivo e ordenado das trocas que a comunidade realiza na direção de uma identidade grupal (SODRÉ, 2002, p. 23). Na experiência com a educação ambiental na escola, o que se percebeu foi que mesmo fazendo atividades com públicos de idades diferenciadas e anos distintos, as dificuldades relatadas eram muito parecidas e reveladoras daquela tensão.

Em contato com a Associação Pássaros das Águas, a pesquisadora falou com a responsável, a Ialorixá<sup>2</sup> Iaraci Santos Brito – Mãe Iara de Oxum ou Leyémím, que também é a zeladora do terreiro Ilê Tomim Kiosise Ayo (Casa das Águas Grande da Felicidade). Por se tratar de uma Associação, buscou conhecer o Estatuto que define a sua perspectiva de atuação, na esperança de que houvesse pertinência com a causa ambiental, o que pode comprovar no seu parágrafo 3º, que diz: “Tem compromisso em atividades de conservação do meio ambiente” (ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO PÁSSARO DAS ÁGUAS, 2017, p. 2). Afirma que a Associação realiza diversas atividades em prol não somente da comunidade do povo de santo, mas também ações voltadas para a comunidade em geral, na perspectiva de garantir a preservação do meio ambiente da região de Cajazeiras.

Durante entrevista a Mãe Iara corrobora a percepção dos alunos sobre a dificuldade em encontrar determinadas plantas, que são utilizadas pelo Candomblé, devido ao desmatamento. Ainda na entrevista, ela novamente fala da angústia em perceber a degradação do meio ambiente:

A área onde se localiza a Pedra de Xangô<sup>3</sup> passou por um processo de desmatamento, devido à construção da Avenida Assis Valente, inaugurada em 2005. Isso acabou destruindo a vegetação e nessa região tinha muitas frutas como jaca, coco, abacate, manga, entre outras; destruiu o lago, a

<sup>2</sup>Ialorixá (Iya significa mãe) e Babalorixá (Baba significa pai) são palavras de origem africana que correspondem respectivamente à sacerdotisa ou sacerdote que zelam dos orixás. Também hoje denominados **zeladores de um determinado terreiro** (LUZ, 2000, p. 423, grifo nosso).

<sup>3</sup>A Pedra de Xangô é também uma referência para as religiões de matriz africana que fazem oferendas nesse local. Na data de 5 de maio de 2017, após inúmeras lutas manifestadas pela comunidade que são representadas por diversas entidades como Cajaverde – Organização Cultural e Ambiental, Associação Pássaros das Águas, Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro-Ameríndia que a Câmara Municipal de Salvador, confirmou o processo de tombamento (BORGES, 2017b).

nascente dali foi destruída pela mão do homem”. (Mãe Iara de Oxum, entrevista 19 dez. 2018)

Cita como exemplo o Pinhão branco (*Jatropha Curcas*, Lineu):

Que é usado para rezar uma pessoa de erisipela, e a Canela de velho (*Miconia albicans* (Sw.) Steud.) são difíceis de serem achadas. Nossa vegetação também está em extinção, estamos perdendo muitas folhas sagradas por conta do urbanismo e isso de uma certa forma está prejudicando muito os afrodescendentes”, e continua em seu relato que “outra folha que se tem dificuldade em achar, é a Mãe boa (*Cissampelos fasciculata*), folha que faz lambedor para tirar secreção da criança; outras folhas são Catinga de crioula (*Hyptis mollissima* Benth), Anador (*Justicia pectoralis* Jacq), Fedegoso (*Cassia occidentalis* L.), Vassourinha (*Scopariadelphus*)”. (Mãe Iara de Oxum, entrevista em 19 dez. 2018).

Esta realidade evidenciada pela Yalorixá já é apontada por alguns autores:

Foi identificado que os referidos segmentos religiosos se encontram, portanto, sob pressão de uma crise ecológica instalada na cidade (**Salvador**), que tem como base uma alteração social, marcada por um lado, pela escassez de moradia de seus habitantes que, em sua maioria, vivem em condições insalubres, e por outro lado, pelo poder da pressão imobiliária que determina o valor da terra e promove a acentuação da segregação espacial já instalada. Tais fatores exercem influência direta e decisiva nas transformações e ressignificações das religiões de matriz africana. (CONCEIÇÃO, 2008, p.17, grifo nosso).

Na contemporaneidade, muitas plantas reconhecidas como sagradas pelas religiões de matrizes africanas estão sendo dizimadas, seja pela ação não conservacionista da retirada de folhas e raízes, pelo desmatamento de áreas no bioma Mata Atlântica para novos empreendimentos imobiliários, ou ainda redução de áreas verdes para abertura de estradas, a fim de contribuir com a mobilidade urbana, o que se conecta com a expansão imobiliária.

Existem espécies vegetais nesse bioma que já estão extintas e outras estão escasseadas. Acerca disso, a Secretaria Estadual do Meio Ambiente (SEMA) publicou, no Diário Oficial do Estado, no dia 22 de agosto de 2017:

Lista Oficial das Espécies Endêmicas da Flora Ameaçadas de Extinção do Estado da Bahia. A Portaria nº 40, de 21 de agosto de 2017, apresenta 744 espécies classificadas nas categorias Criticamente em Perigo (CR), Em Perigo (EN) ou Vulnerável (VU), que ficam protegidas de modo integral, ficando proibidas sua coleta, corte, transporte, armazenamento, manejo, beneficiamento e comercialização no território baiano. Espécies como Massaranduba (*Manilkaradecrescens*T.D.Penn. e *M. multifida*T.D.Penn.), Oiti-cumbuca (*Parinariavimii*Prance), Bambuzinho (*Anomochloamarantoidea*Brongn.); Olho-de-boi e Pau-sangue (*Ormosialimae*D.B.O.S.Cardoso&L.P.Queiroz e *Pterocarpusmonophyllus*B.B.Klitgaard, L.P.de Queiroz &G.P.Lewis) aparecem na lista (BAHIA, 2017).

Identificadas plantas que ainda existem, tem-se a possibilidade de conservar o uso e cultivo das plantas que ainda sobrevivem no local, que no caso em experiência está situado em área urbana.

O processo de conservação é potencializado quando há o respeito do indivíduo e ao indivíduo, para os assuntos ligados à sua relação com a natureza, de onde vêm os alimentos que o sustenta, assim como suas peculiaridades religiosas. Para as religiões de matrizes africanas, as plantas são parte primordial dos seus rituais, como afirmado pelos antepassados que dizem “sem folhas não tem axé”.

Dentro dos diversos rituais religiosos de princípios africanos, um dos mais importantes é o dedicado à colheita e ao preparo das folhas sagradas. Esse ritual é envolto de muita sabedoria ancestral, pois os seus cânticos são repletos de Ofó, — palavras que trazem toda a força da folha para o culto. O iorubá, assim como as diversas nações de matriz africanas existentes em Salvador, tem no conhecimento do uso das folhas sua base para o culto das divindades. [...]. Os segredos das ervas dizem respeito a um sistema de classificação próprio e ao poder que lhes é atribuído enquanto portadoras de axé e propiciadoras do estabelecimento da relação entre os seres humanos e as divindades (CONCEIÇÃO, 2008, p.53)

Reconhece-se na narrativa de Conceição (2008), a formação de um *ethos* num dado modo de vida conformado por princípios religiosos. Filósofos clássicos da Grécia, quando falavam do conceito *ethos*, afirmavam que provém dele a palavra ética, que significa *morada*. Desta forma, “[...] a ética não é a convenção; é uma força de realização, um modo de ser e de

habitar” (CARVALHO; GRUN; TRAJBER, 2006, p.27).

Com essa articulação conceitual continua a busca por informações a respeito do ecossistema de Cajazeiras e suas plantas medicinais/sagradas, tendo-se encontrado o Babalorixá Robson da Hora França, Pai Robson, que é o zelador do terreiro Ilê Axé Obá Pá Erã Olodô Epejá - Arco de Ouro. Este local fora construído em um loteamento e foi preciso retirar plantas nativas para erguer a casa. A tentativa de minimizar o impacto ambiental foi o replantio das espécies na área do Ilê Axé. Ele informou que o replantio também é necessário por causa das atividades que são feitas com as plantas, e por já ter dificuldades em encontrar algumas das espécies.

O Pai Robson, como é chamado pelos seus filhos do axé, disse que:

Todas as plantas são consideradas sagradas pela matriz africana. Informou que os adeptos da religião de matriz africana, antes de fazerem seu desjejum, nos dias que irão fazer as atividades da casa têm o ritual de beber um chá, seja de plantas medicinais, ou da planta que foi devidamente orientada pelos Orixás, através do Ifá (jogo). É denominado o Chá do Axé, como por exemplo a Canela de Velho ou Tapete de Oxalá, são ervas amargas misturadas com outras ervas que tem o efeito medicinal e efeito espiritual. (Pai Robson, entrevista 09 mar. 2019).

O Babalorixá Pai Robson apresentou para a pesquisadora algumas espécies de vegetais que são consideradas sagradas e que foram replantados no quintal, falando com respeito de cada uma delas:

Beti cheiroso que é uma folha que faz o banho na energia de Yemanjá, na energia de Oxalá para melhorar as energias, limpeza da aura. Outra folha é Peregum, folha de proteção, coloca atrás de porta para as energias não adentrarem à casa. Também informou que algumas folhas são consideradas energia masculina quando são compridas, e as folhas de energia feminina são arredondadas, porém existem controvérsias. Citou por exemplo a Espada de Ogum são compridas, já a Espada de Iansã é pequena, arredondada. Tem folhas que servem para descarrego e também é uma planta comestível, citou a folha do Quioiô, que serve como banho para baixar a febre e pode ser utilizado como tempero na comida. A necessidade do replantio é para encontrar com mais facilidade as plantas para serem usadas nas atividades da casa. (Pai Robson, entrevista 09 mar. 2019).

Uma das árvores sagradas e de grande importância para os adeptos do Candomblé, é Írókó, Gameleira Branca (*Chlophora excelsa*) que é considerada a *árvore Orixá*. Disse que normalmente em todas as casas de Candomblé deve ter esta árvore, conforme observa-se na Figura 7. Pode também ser considerado o Orixá Tempo. Fazendo a analogia com os problemas de difícil solução, nada melhor do que o Tempo para resolver.

Figura 7- Írókó – Gameleira Branca - A Árvore Orixá



Fonte: A autora (2019)

Para melhor compreensão desta árvore, apresenta-se o ensinamento de Mãe Stella de Oxóssi<sup>4</sup>:

O Írókó propriamente dito é uma árvore tipicamente africana, que não foi trazida para o Brasil, ela foi substituída, no que diz respeito a culto religioso pela Gameleira branca (*Chlophora excelsa*), provavelmente pelo fato de as duas árvores pertencerem à mesma família Moraceae. Representa o OrisáÍrókó ou Roco (nação Kétu); Vodum Loko (nação Jejê); Nkise Tempo (nação Angola). Saudamos Írókó para que esta árvore ajude a fixar o Orixá, os pensamentos e os projetos. Para o solo é onde a Essência Divina deve fixar-se. A árvore Írókó, que vive mais de duzentos anos, simboliza a longevidade e a durabilidade das coisas. (SANTOS; PEIXOTO, 2014, p. 166).

<sup>4</sup>Maria Stella de Azevedo Santos, a líder espiritual Mãe Stella de Oxossi (1925-2018) OdéKayode, foi a quinta Iyalorixá do Ilê Axé Opó Afonjá em Salvador, com título de Doutor Honoris Causa por duas universidades públicas, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Universidade Estadual da Bahia (UNEB), além de ter sido membro da Academia Baiana de Letras. (Citado por José Jorge de Carvalho, SANTOS; PEIXOTO, 2014, pág.14).

O Pai Robson mostrou o entorno de sua casa; um local que ainda mantém mata fechada, mas já em início de processo de degradação para novos empreendimentos.

A conservação ambiental se tornou objeto de tamanha preocupação para os religiosos de matriz africana, que até mesmo suas práticas ancestrais estão sendo modificadas para que a interferência no meio ambiente seja a mínima possível. Observou-se, sob orientação do Pai Robson, que já há algum tempo que os religiosos evitam colocar oferendas em gamelas de barro ou de madeira, preferindo utilizar folhas largas, como as folhas da bananeira ou mamona, que são elementos rapidamente decompostos na natureza.

O Babalorixá citou um vegetal chamado Amescla (*Protium heptaphyllum*). Esta árvore é de suma importância para as atividades das religiões de matrizes africanas pois tem uma seiva que é colhida, com o devido cuidado e utilizado em rituais de cura, como incenso em cerimônias sagradas, para afastar maus espíritos e também falou, preocupado, ter presenciado árvores frondosas serem completamente devastadas para abertura dos loteamentos e avenidas na região. A Amescla (*Protium heptaphyllum*) é uma das árvores ameaçadas, que ele fez o replantio. Verificando sobre a planta no *site* da Embrapa, segue a sua descrição:

Espécie: Altura de 10-20 m, com tronco de 40-60 cm de diâmetro. Folhas compostas pinadas de 2-4 jugas, com folíolos de 7-10 cm de comprimento por 4-5 cm de largura. Flores avermelhadas, reunidas em fascículos axilares. Os frutos são capsulas deiscentes, com uma ou duas sementes envolta por arilo carnosos. A madeira é moderadamente pesada (densidade 0,77 g/cm<sup>3</sup>), compacta, dura, revessa, porém dócil ao cepilho, bastante elástica, de grande durabilidade quando em lugares secos. A árvore proporciona boa sombra e apresenta qualidades ornamentais, podendo, por conseguinte, ser utilizada na arborização urbana e rural. Seus frutos são avidamente procurados por várias espécies de pássaros que comem o arilo adocicado que envolve as sementes. Por essa razão não pode faltar na composição das florestas mistas destinadas ao repovoamento vegetal de áreas degradadas de preservação permanente (BRASIL, 2019).

## 2.4 A ruralidade presente no urbano

Faz-se necessário o compromisso e a participação dos cidadãos na conservação dos vegetais, retomar o costume dos ancestrais em plantar de árvores nos quintais, ou até mesmo

presentear com mudas de plantas, o que contribui para a perpetuação das espécies.

Nas caminhadas pelas redondezas da Rua Geraldo Brasil, em loteamentos de Cajazeiras XI, observa-se que ainda preservam certa ruralidade, e, estando o bairro situado em uma cidade metropolitana de Salvador, reconhece-se tratar de uma dinâmica para além da cidade e do município. Nesse sentido é que se compartilha o entendimento de que “[...] novas tensões entre o rural e o urbano vão sendo estabelecidas e agregando dimensões políticas, econômicas e sociais que periodizam o processo de desenvolvimento até sua configuração como desenvolvimento regional” (ALENCAR, 2007, p. 111).

Ao fotografar a Barragem do Rio Ipitanga<sup>5</sup>, águas que davam a possibilidade de um pescador buscar alimento, conforme figura 8, vê-se também que muitas residências estão sendo construídas nas proximidades das margens do rio (Figura 9). Porém, é importante observar, ainda segundo Alencar (2007, p. 110) que “[...] na constituição do urbano estamos privilegiando a transformação da natureza em ambiente construído, do que decorrem relações mais mediadas em homem e natureza”.

Abraçando o pensamento de Luz (2003, p. 93), a “dimensão cósmica abrange os planos de individualização, da socialização e das relações do ser humano com a natureza”. É nesta perspectiva que a educação ambiental deve fazer parte do currículo das escolas não como obrigação ou apenas com disciplinas específicas, mas com seriedade de um pensar interdisciplinar que, ao pôr em diálogo diferentes disciplinas ponha também em diálogo diferentes saberes que nascem dos modos de vida em interação, como o rural e o urbano.

Cada vez mais constrói-se estradas, avenidas, novos prédios para uma melhor qualidade de moradia, e isto indica conquistas da evolução humana, mas ao mesmo tempo estamos destruindo várias espécies de plantas, quando poderíamos ao destruir para construir, fazê-lo de modo conservacionista. Precisa-se repensar qual o tipo de qualidade de vida que se busca. E este assunto precisa ser abordado desde o seio familiar, passando também nas escolas, até que

<sup>5</sup> Os principais usos da água são o abastecimento urbano e industrial, assim organizado: a barragem de Ipitanga I serve para regularizar as águas do rio Ipitanga e complementar a “produção” de água potável de Salvador e Lauro de Freitas; a barragem de Ipitanga II é destinada ao fornecimento de água bruta e ou tratada às indústrias do Centro Industrial de Aratu; e a barragem de Ipitanga III é destinada à acumulação e transposição das águas do rio Joanes no período de estiagem, revertidas para o Ipitanga I e II (PORCIÚNCULA, 2017,p. 191).

cheguem aos tomadores de decisões econômicas, políticas e sociais.

Figura 8- Homem pescando na represa do Rio Ipitanga, Cajazeiras XI



Fonte: Autora (2019)

Figura 9- Lotes construído Cajazeiras XI



Fonte: Autora (2019)

### 3 Tecendo considerações (finais?)

Existem cidades e, particularmente, em locais na parte urbana do município de Salvador em que se pode encontrar pessoas que ainda gostam de cultivar algumas plantas em seus quintais. Muitos moram em apartamentos e tentam cultivar em pequenos vasos na varanda, na janela da área de serviço, para trazer o verde da natureza para dentro de casa. São o rural e o urbano que se complementam. E de que forma incentivar as pessoas a manterem o respeito à

natureza? Pode-se fazer isto de uma forma simples: a educação que poderá ser passada para as crianças desde o seio familiar, em continuidade com a formação escolar.

Os povos indígenas, que afirmam que todos os seres da natureza são nossos parentes, e no caso das plantas eles chamam de “Povo em Pé”, são inspiradores. Eles explicam que as árvores são parecidas com os humanos: o tronco é o corpo, as folhas são os cabelos, os galhos são os membros. Por isto, ao sentir desconectado, ou muito preocupado, imaginar ser uma árvore, permitindo que os pés estejam firmes no chão, enraizando com a energia da mãe terra e a cabeça elevada com o pensamento no Alto, nos ajudaria a reconectar com sua própria condição humana.

As doenças podem ser oportunidade para aquele reconectar. Em tempos mais longínquos, as pessoas enfermas costumavam passar um período em algum sítio, sentavam embaixo de alguma árvore e voltavam mais fortalecidos. Mesmo na contemporaneidade, ainda se encontra pessoas que se refazem energeticamente buscando um convívio de alguns dias em lugares de mata, rios e cachoeiras, onde as plantas são muito boas companhias.

As plantas medicinais nessa atividade de educação ambiental na escola levaram a pesquisadora para além dos muros da escola integrando a pesquisa com o ambiente da cultura religiosa afrodescendente. Além da experiência na escola a pesquisa adotou como suporte metodológico a revisão bibliográfica filosoficamente reflexionada, e coleta de dados mediante entrevista semiestruturada com lideranças locais vinculadas a organizações ambientalistas: a Associação Pássaros das Águas e o Terreiro Arco de Ouro. Deu para perceber que as suas vozes precisam ser ouvidas através dos estudos científicos, pois para eles a natureza é considerada sagrada e suas plantas devem ser conservadas como dinâmica socioambiental, o que envolve planejadores, quiçá através de políticas públicas, como também é responsabilidade de cada cidadão.

Também se observou que o cultivo das plantas medicinais desperta o interesse em aprofundar os conhecimentos terapêuticos das mesmas, além de contribuir para um melhor ambiente de convivência. A ideia de implantar uma horta medicinal no ambiente escolar fortaleceu a compreensão de que a educação ambiental, parte integrante do currículo nas escolas, reafirma a necessidade de conservar a natureza.

O fato de que as escolas deram continuidade à ação pedagógica mesmo com o final desta pesquisa ação denota que a sensibilização pretendida foi alcançada. Por fim, foi possível identificar que as plantas Tapete de Oxalá (*Coleus barbatus, Benth*), Manjerição (*Ocimum canum Sims*), Aroeira (*Schinus terebinthifolius Rad.*) Sabugueiro (*Sambucus australis Cham. &Schltdl., Sambucus nigra L.*) que compõem o Bioma Mata Atlântica integram socioambientalmente possibilidades práticas de atuação em favor da conservação ecossistêmica em Cajazeiras, Salvador - BA.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Cristina Maria Macêdo de. Indicador qualitativo de ruralidade em espaço regional metropolitano. **Redes**. Santa Cruz do Sul, RS, v.12, n.2, p.109-126, maio/ ago. 2007.

ALMEIDA, Mara Zélia. **Plantas medicinais**. 4. ed. Salvador: EDUFBA, 2016.

ASSOCIAÇÃO PÁSSAROS DAS ÁGUAS. **Estatuto Social Reformado**. Salvador, 22 set. 2017.

BAHIA. **Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia - CONDER**. Salvador, 2016. Disponível em: <[http://www.informs.conder.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/10/1\\_INFORMS\\_Painel\\_de\\_Informacoes\\_2016.pdf](http://www.informs.conder.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/10/1_INFORMS_Painel_de_Informacoes_2016.pdf)> Acesso em: 30 dez. 2018.

BAHIA. **Secretaria do Meio Ambiente do Estado da Bahia - SEMA**. Salvador, 2017. Disponível em:

< [Http://www.meioambiente.ba.gov.br/2017/08/11254/Governo-publica-a-Lista-das-Especies-da-Flora-Ameacadas-de-Extincao-do-Estado-da-Bahia.html](http://www.meioambiente.ba.gov.br/2017/08/11254/Governo-publica-a-Lista-das-Especies-da-Flora-Ameacadas-de-Extincao-do-Estado-da-Bahia.html)>. Acesso em: 5 jan. 2019.

BORGES, Thais. Pedra de Xangô, em Cajazeiras, era sinal de liberdade para escravos. **Correio\***, 4 maio 2017a. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pedra-de-xango-em-cajazeiras-era-sinal-de-liberdade-para-escravos/>> Acesso em: 2 jan. 2019.

BORGES, Thais. Justiça para Xangô: prefeitura tomba hoje a Pedra de Xangô, em Cajazeiras. **Correio\***, 4 maio 2017b. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/justica-para-xango-prefeitura-tomba-hoje-a-pedra-de-xango-em-cajazeiras/>> Acesso em: 2 jan. 2019.

BRASIL. **Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA**. Brasília, 2019.



[HTTPS://PERIODICOS.UFPE.BR/REVISTAS/RURALURBANO/INDEX](https://periodicos.ufpe.br/revistas/ruralurbano/index)

Disponível em: < <https://www.embrapa.br/agrossilvipastoril/sitio-tecnologico/trilha-ecologica/especies/amescla>>. Acesso em: 5 abr. 2019.

CAJAVERDE - Organização Cultural e Ambiental. Disponível em: <<http://cajaverdeong.blogspot.com/>>. Acesso em: 5 jan.2019.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. **As plantas medicinais e o sagrado: a etnofarmobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil**. São Paulo: Ícone: 2014.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; GRUN, Mauro; TRAJBER, Rachel. **Pensar o ambiente: bases filosóficas para educação ambiental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006.

CONCEIÇÃO, Sueli Santos. **O processo de urbanização como imperativo da reestruturação espacial e litúrgica das religiões de matriz africana**. 2017. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23983> > Acesso em 6 mar. 2019.

FREITAS, C. E. **A Pedra de Xangô e a Saga Épica do Quilombo Orobu na Bahia**. 2014. Disponível em: <<http://bahianalupa.com.br/a-pedra-de-xango-e-a-saga-epica-do-quilombo-orobu-na-bahia/> > Acesso em: 2 jan. 2019.

LUZ, Marco Aurélio. **Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira**. Salvador: EDUFBA: 2000.

PORCIÚNCULA, Débora Carol Luz da. **O Fenômeno das Águas Doces na Região Metropolitana do Salvador: usos alterações e abandono**. Salvador, 2017. Disponível em: <<http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/prefix/498>>. Acesso em 14 de out. de 2019.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 1990, v.1.

SAMS, Jamie. **As cartas do caminho sagrado: a descoberta do ser através dos ensinamentos dos índios norte-americanos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SANTOS, Antônio Silveira Ribeiro dos. Homem-Natureza: a nova relação ética. In: **Programa ambiental: a última arca de Noé**. 2011. Disponível em: <<http://www.ultimaarcadenoe.com.br/homem-natureza/>>. Acesso em: 5 jan. 2019.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo; PEIXOTO, Graziela Domini. **O que as folhas cantam**. Brasília: INCTI, 2014.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**. Salvador: Fundação Cultural da Bahia, 2002.



[HTTPS://PERIODICOS.UFPE.BR/REVISTAS/RURALURBANO/INDEX](https://periodicos.ufpe.br/revistas/ruralurbano/index)

SUZUKI, Júlio César. **Por outro desenvolvimento territorial e ambiental em sociedades tradicionais do estado de São Paulo.** 2017. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/geografia/article/view/3699>> Acesso em: 8 dez. 2018.

TOURINHO, C; ANTONINO, V. Cajazeiras. **Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia.** 2009. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/bairro-cajazeiras> > Acesso em: 30 dez.2018.

VIVENDO CULTURA. **Cajazeiras.** Fundação Gregório de Matos. Disponível em: <[http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod\\_area=4&cod\\_polo=29](http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=4&cod_polo=29)>. Acesso em 30 dez. 2019.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **A ruralidade no Brasil moderno. Por un pacto social pelo desenvolvimento rural.** En publicacion: ¿Una nueva ruralidad en América Latina?. Norma Giarracca. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2001. ISBN: 950-9231-58-4 Disponible en: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf>. Acesso 30. Dez. 2018



UFPE

UFPA

[HTTPS://PERIODICOS.UFPE.BR/REVISTAS/RURALURBANO/INDEX](https://periodicos.ufpe.br/revistas/ruralurbano/index)

---